



HERMES AUGUSTO COSTA

# “ Ainda estamos longe da saída da crise

HERMES AUGUSTO COSTA, SOCIÓLOGO E DOCENTE DA FACULDADE DE ECONOMIA DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA, É COAUTOR E UM DOS REVISORES DO NOVO “DICIONÁRIO DAS CRISES E DAS ALTERNATIVAS”  
TEXTO MARIA FERREIRA SANTOS

**É** um dicionário um pouco diferente do habitual e os seus autores não o escondem. Além de definições, também propõe soluções. É este o conceito do novo “Dicionário das Crises e das Alternativas”, o primeiro projeto do recentemente criado Observatório sobre as Crises e Alternativas, que conta com 222 entradas escritas por 113 investigadores e um prefácio assinado pelo sociólogo Boaventura Sousa Santos.

A obra, uma edição conjunta da editora Almedina e do Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra, pretende desmascarar a crise e os “palavrões” à sua volta, como explica um dos seus autores, o docente e sociólogo Hermes Augusto Costa.

## Qual foi a ideia que esteve por trás da criação deste dicionário?

O dicionário é uma primeira operacionalização, se assim se pode dizer, do Observatório sobre Crises e Alternativas, que surgiu há dois meses atrás e tem como propósito descontruir a ideia de que a crise apenas pode ter uma leitura. A ideia deste dicionário é, justamente, mostrar que a crise não é apenas aquela de que ouvimos falar no dia a dia, a crise da dívida que tem um sentido estritamente económico, mas aquela que tem várias manifestações em diferentes domínios da vida social. Isto é a prova que 113 pessoas têm visões da crise e dos seus fenómenos, que se podem pensar e desmultiplicar em várias formas.

## “Dicionário das crises” todos percebem. Mas porquê das alternativas?

Porque pode ajudar as pessoas, tendo em conta que cada conceito neste dicionário tem uma definição em torno de um problema e tem, simultaneamente, uma proposta para olhar para esse problema segundo um outro caminho. Cada termo do dicionário tem a preocupação de pensar uma definição e, em simultâneo, dar uma alternativa a esse problema. É uma forma de ver a crise – não de uma perspetiva otimista, porque a ideia da crise



**Esta é uma forma de ver a crise, mas não de uma perspetiva otimista, porque a ideia da crise como uma oportunidade não deixa de ser cínica**

como uma oportunidade não deixa de ser cínica –, mas é sobretudo pensar a crise como algo que tem várias manifestações e várias alternativas. No fundo, é tentar perceber também em que medida é que nós olhamos para a crise do ponto de vista de quem é vítima dela. Parece-nos que é um registo importante a ter em conta neste dicionário, não apenas o ponto de vista de quem beneficia, porque há muita gente a beneficiar da crise. É tentar perceber a perspetiva de quem também é oprimido e sofre com a crise, que são realmente muitas pessoas.

## O principal objetivo é, então, dar uma ideia mais clara dos conceitos da crise a estas “vítimas”?

Eu não diria apenas às vítimas, mas aos cidadãos em geral. Normalmente, lemos coisas na imprensa que são vendidas como questões inevitáveis e que não nos ocorre problematizar. Este dicionário visa exatamente questionar ideias feitas que nos são apresentadas, a sua grande missão é mostrar que não há apenas uma única manifestação da crise. Há várias e aquela que nos querem transmitir, tal como a sua solução, não são as melhores.

## O objetivo é que os leitores possam contribuir para uma segunda edição.

Sim, há inclusive um endereço de email que está disponível no dicionário, que permite que os leitores possam sugerir ou acrescentar uma palavra que não se encontra no livro ou, eventualmente, até pedirem esclarecimentos sobre certos termos. É um pouco com base nesse *feedback* dos leitores que será construída a segunda edição do dicionário.

## Essa possibilidade reflete também o papel que o Observatório quer ter junto dos portugueses.

Exatamente, o Observatório tem vários projetos, ideias e planos de ação e visa dialogar com a população, algo que já está a ocorrer. O dicionário cumpre essa missão do Observatório.

## Na altura em que lançam este dicionário, a Espanha está a pedir ajuda externa e a situação de Portugal parece não melho-



### **rar. Como olha para o estado do país?**

Com dificuldade e apreensão. Aliás, o que está a acontecer em Espanha é apenas um sintoma da forma como a Europa tem olhado para a crise e a irresponsabilidade com que os políticos europeus têm olhado para a crise. O problema da Espanha é o problema de Portugal, da Grécia, da Islândia, do Chipre... A crise deve ter uma solução conjunta e não desigual, que é o que observamos quando se diz que Espanha vai ter um tratamento diferenciado, um tratamento "especial", para lidar com a ajuda que está a ser concedida à banca. Há razões em resultado dessa afirmação que levam a que os outros países se sintam descontentes quanto às orientações políticas que há para a crise, em função do seu grau de maturidade económica.

### **Na sua opinião, Portugal está a cair ainda mais no buraco da crise ou já estamos na curva ascendente da recuperação?**

Bem, se nós olharmos para um dos efeitos da crise que é o corte dos subsídios dos funcionários públicos, isso vai acontecer este mês com o corte do subsídio de férias. Seria uma forma de dizer: batemos no fundo a partir desta altura. Não é fácil fazer previsões. Aparentemente, ainda estamos a caminhar para o fundo de qualquer coisa, estamos longe da saída do túnel. Não é fácil fazer uma previsão exata quanto a isso. Sabemos que estamos mal e que podemos encontrar outros caminhos, só não sabemos exatamente quais, mas este dicionário tenta lançar algumas pistas sobre outras formas de lidar com os problemas.

### **Se a situação piorar ainda mais, os problemas sociais que vimos na Grécia podem repetir-se em Portugal?**

Depende. Há sempre essa tentação de comparar Portugal e a Grécia e de dizer, no discurso político, que a Grécia não é Portugal. Também há sempre a tentação de dizer: "Portugal é um país de brandos costumes", reproduzimos facilmente este tipo de discurso. Mas o que é certo é que temos diferentes formas de nos manifestar, de nos indignar. O que está aqui em causa é o sofrimento das pessoas e esse sofrimento não tem preço, independentemente da forma como nos manifestemos ou reajamos em público face a esta situação. Comparar os dois países é também uma tentação do discurso jornalístico, porque é inevitável, mas eu acho que é mais uma arma de retórica política usada para que se legitimem medidas e decisões políticas, do que propriamente para se resolverem os problemas concretos das pessoas, isso é que é importante pensar e resolver. 